



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

SÃO LUÍS-MA | VOLUME 18 | NÚMERO 53 | MAIO-AGOSTO 2025

CHAMADA TEMÁTICA - Visões, aparições e cultos marianos no período contemporâneo

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n53e27176>

Culto mariano em Angola: Nossa Sra. da Conceição da Muxima ou Mamã Muxima

Giselda Brito Silva

Docente da Graduação e da Pós-Graduação em História do DEHIST-UFRPE

 <http://lattes.cnpq.br/2327404253426354>

 <https://orcid.org/0000-0002-0752-4590>

 giselda.brito@gmail.com

Constança Ceita

Professora Doutora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (UAN)

 <https://orcid.org/0000-0002-0070-4716>

 cons.ceita12@gmail.com

Yuri Agostinho

Professor Doutor da Faculdade de Artes da Universidade de Luanda (UNILUANDA)

 <https://orcid.org/0000-0003-2308-780X>

 yanessanguifada@gmail.com

RECEBIDO | 25 jul. 2025 – APROVADO | 13 ago. 2025



Resumo: Neste trabalho, trataremos da construção popular do culto e devoção à Nossa Sra. da Conceição da Muxima ou “Mamã Muxima”, como é conhecida pela população local, cuja igreja atualmente está situada na Vila da Muxima, no Município de Kissama, em Angola. Conforme tentaremos explicar, com base nos relatos e escritos, por muitos séculos a Igreja e a imagem da Santa foram bastante negligenciadas, sendo mantidas de forma precária pela população local, também responsável pela criação de mitos em torno da Santa. Com a observação do aumento do volume de manifestações, peregrinações e devoções, evidenciadas por milhares de cartas aos pés da Santa, a autoridade eclesiástica local legitimou o culto mariano na Igreja. Atualmente, o “Santuário de Mamã Muxima” é um local de peregrinação anual, que recebe milhares de fiéis católicos angolanos e de outras nações, chamando a atenção do poder político angolano. O culto à Santa chamou tanto a atenção das autoridades que, em 2022, o Estado e a Igreja Católica se uniram e lançaram a primeira pedra para a construção da Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Vila da Muxima, considerada atualmente a padroeira mais venerada e de maior devoção popular em Angola e em toda a África. O evento é pouco conhecido na história da religião no Brasil. Neste sentido, um dos objetivos centrais deste trabalho é dar visibilidade à especificidade do culto mariano em Angola, enfocando a força da tradição oral na propagação do culto católico.

Palavras-chave: culto; mariano; Angola.

Marian Cult in Angola: Our Lady of the Conception of Muxima or Mamã Muxima

Abstract: In this work, we will explore the popular construction of the cult and devotion to Our Lady of the Conception of Muxima, or “Mamã Muxima,” as she is known by the local population, whose church is currently located in the village of Muxima, in the municipality of Kissama, Angola. As we will attempt to explain, based on reports and writings, for many centuries the church and the image of the Saint were largely neglected, maintained precariously by the local population, who were also responsible for creating myths surrounding the Saint. With the increase in the number of manifestations, pilgrimages, and devotions, evidenced by thousands of letters at the feet of the Saint, the local ecclesiastical authority legitimized Marian worship in the Church. Today, the “Sanctuary of Mamã Muxima” is a site of annual pilgrimage, receiving thousands of Catholic faithful from Angola and other nations, attracting the attention of Angolan political power. The cult of the Saint attracted so much attention from authorities that, in 2022, the State and the Catholic Church joined forces to lay the foundation stone for the Basilica of Our Lady of the Conception of Vila da Muxima, currently considered the most venerated and popular patron saint in Angola and throughout Africa. The event is little known in the history of religion in Brazil. Therefore, one of the central objectives of this work is to highlight the specificity of Marian worship in Angola, focusing on the power of oral tradition in the propagation of Catholic worship.

Keywords: cult; marian; Angola.

Culto mariano en Angola: Nuestra Señora de la Concepción de Muxima o Mamã Muxima

Resumen: En este trabajo, exploraremos la construcción popular del culto y la devoción a Nuestra Señora de la Concepción de Muxima, o “Mamã Muxima”, como la conoce la población local, cuya iglesia se encuentra actualmente en la aldea de Muxima, en el municipio de Kissama, Angola. Como intentaremos explicar, basándonos en relatos y escritos, durante muchos siglos la iglesia y la imagen de la Santa fueron en gran medida abandonadas, mantenidas precariamente por la población local, que también fue responsable de la creación de mitos en torno a ella. Con el aumento del número de manifestaciones, peregrinaciones y devociones, evidenciado por miles de cartas a los pies de la Santa, la autoridad eclesiástica local legitimó el culto mariano en la Iglesia. Hoy en día, el “Santuario de Mamã Muxima” es un lugar de peregrinación anual, que recibe a miles de fieles católicos de Angola y otros países, atrayendo la atención del poder político angoleño. El culto a la Santa atrajo tanta atención de las autoridades que, en 2022, el Estado y la Iglesia Católica unieron fuerzas para colocar la primera piedra de la Basílica de Nuestra Señora de la Concepción de Muxima, actualmente considerada la patrona más venerada y popular de Angola y de toda África. Es poco conocido en la historia de la religión en Brasil. Por lo tanto, uno de los objetivos centrales de este trabajo es destacar la especificidad del culto mariano en Angola, centrándose en el poder de la tradición oral en la propagación del culto católico.

Palabras clave: culto; mariano; Angola.

Introdução

Todos os que têm problemas que não conseguem resolver vêm chorar na ‘Mamã’”. Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Muxima (Melo, 2021, p.1).

A chegada da Igreja em solo angolano se deu com as descobertas portuguesas, que foram estrategicamente organizadas por duas ações paralelas: uma militar e outra missionária, através da relação da Santa Sé e Estado português. Contudo, a história do Padroado de Portugal em África ainda é considerada uma história lacunar e fragmentada em várias publicações eclesiásticas e da administração colonial, dispersa entre os arquivos de Angola e de Portugal (Brasio, 1952, p. XIV). Disso decorre que grande parte da história da Igreja católica em Angola, desde os primeiros contatos, passando pelo colonialismo e até nossos dias, nos chegam pela escrita do colonialismo, de missionários, mas, em grande parte, pelos relatos orais das populações de Angola. Este é o caso da história da devoção a Nossa Senhora da Conceição da Muxima, que foi preservada pela tradição oral das populações e dos padres que passavam pela Igreja.

Conforme trataremos ao longo deste texto, apesar dos cultos marianos serem objeto de muitos estudos no Brasil e em Portugal, a história da devoção a Nossa Senhora da Conceição da Muxima de Angola ainda é bastante lacunar e dispersa. Pelo menos não foram localizados registros de atividades de cultos e devoções na igreja da Muxima, exceto aqueles produzidos por padres e pela tradição oral. O registro das práticas do catolicismo em Angola, em geral, está entrelaçado com a documentação do Estado colonial português, com destaque para as atividades missionárias de ensino das populações, com destaque para o período do regime salazarista em África. Ao longo do regime, o foco era registrar o papel das missões católicas no projeto civilizatório para construção do império português, observando-se sua relação com o *Acto Colonial* (1931-1933) e o *Acordo Missionário* (1941), através dos quais foram oficialmente firmadas as relações de Portugal com a Santa Sé para evangelização e nacionalização dos povos africanos¹. Além dos registros da ação católica missionária, nos quais se observa a recepção da população nas atividades de missas, batismos, óbitos, casamentos e ensino, outros documentos da colonização fazem bastante referência à criminalização das religiões tradicionais.

Disso decorre que, a história das práticas de devoção a Nossa Senhora da Muxima foi preservada pela *Tradição Oral*. A construção e preservação do culto e devoção à Santa foi sendo transmitida de geração a geração, até nossos dias, pela disseminação dos relatos de fé e de crença nos milagres pela população angolana. Segundo Jan Vansina (2010, p. 139-140), é importante considerar que, no caso das sociedades africanas, a tradição oral tem o status de registro oficial das histórias e memórias da sociedade que reconhece a fala, não apenas através da comunicação diária,

mas também como meio de preservação da sabedoria dos ancestrais venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas [...] A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. [...] A tradição

¹ Sobre as relações da Santa Sé e da Igreja católica em Portugal com o Regime Salazarista, na primeira metade do século XX, recomendamos as leituras de SIMPSON, Duncan. *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*. Lisboa; Edições 70, 2014; MOURA, Carlos André Silva de Moura. *Histórias Cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942)*. Lisboa: Edições 70, 2018.

oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas (Vansina, 2010, p.139-140).

Muxima é uma pequena povoação no norte de Angola, onde está localizado o “famoso santuário mariano do país”, considerado um “museu vivo da alma popular”, pela forte presença da tradição oral na preservação da história do santuário (Arcaute, 2010, p.11). Em Angola, a tradição oral é a responsável pelo reconhecimento e transmissão das manifestações da fé e esperança em torno de Nossa Senhora da Conceição da Muxima. E mesmo os textos escritos por padres que passaram pela Igreja, a exemplo do Padre Manuel Ruela Pombo, a escrita se deu com base nos relatos dos devotos. Em 1933, ele coletou e inventariou relatos dos feitos de “Mãe Muxima”, publicando numa revista editada por ele. Na apresentação do revista ele registrou que considerava os eventos em torno da Igreja da Muxima muito mal registrados pelo colonialismo e pelos representantes da Igreja. Segundo ele, essa era uma história cheia de longas lacunas e dependente dos relatos, resultado de anos sem nenhum registro oficial (Curto, 2024, p. 165).

José C. Curto (2024), utilizando os inventários do Padre Ruela Pombo, conta que o Padre tomou posse da Igreja de Nossa Senhora do Cabo da Ilha de Luanda, em 1923, como Pároco missionário. Mas que, em 1929, foi transferido de Luanda para exercer cargo de Pároco missionário na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da freguesia da Muxima. No entanto, consta que ele não passa uma boa imagem do lugar, registrando que era longe de tudo, com uma distância de dois dias de Luanda, por comboio ou canoa pelo rio Kwanza. Por outro lado, ele confirma que a Igreja foi construída no mesmo local onde os portugueses haviam construído um presídio, entre os séculos XVI e XVII. Considerando a data de construção da Igreja, Ele estranhar a ausência de documentos das suas atividades eclesiais junto à comunidade por séculos, concluindo que possivelmente tinha sido abandonada, voltando a ser ocupada apenas no final do XIX, quando aparecerem registros de atividades (Curto, 2024, p.166-167).

Acrescenta ainda que isso era comum, considerado um dos problemas do catolicismo em Angola: a carência de sacerdotes permanentes, o que levava a população de Muxima a procurar serviços eclesiais, como batizados, casamentos e óbitos nas comunidades eclesiais vizinhas. De acordo com José Curto, esta situação “não representam nada de novo. O lapso cronológico encontrado em documentos eclesiais afetava qualquer freguesia em Angola colonial” (2024, p.176). Nos registros dos períodos de atividades na Igreja, só há registros de batismos, casamentos e óbitos, não havendo menção de manifestações de devotos e de milagres na Igreja da Muxima. Estas observações nos levam a confirmar que a história do culto e devoção à Santa se deve à tradição oral, responsável por manter viva a fé e a propagação dos milagres de Nossa Senhora da Conceição da Muxima, durante os longos anos de abandono e ausências de padres.

Para Odílio Fernandes, a ausência de registros precisos da Igreja da Muxima é a base das dúvidas geradas em torno da data da edificação e de suas atividades. O que se tem de senso comum é que a Igreja foi construída juntamente com a fortaleza e presídio da Muxima no ano de 1595, mas, não se tem dados precisos. E mesmo essa informação, comenta Odílio Fernandes, foi produzida por aventureiros e viajantes que viveram em Angola no período e teriam registrado que “além do presídio havia na localidade uma igreja de evocação da Virgem da Conceição, com uma capela, e que era a mesma de muita devoção por ser a protetora do Reino de Portugal e dos territórios por si conquistados (2014, p.3)”.

É inclusive através dos relatos que se sabe das mudanças de lugar da imagem da Santa, durante os momentos de tensão na região. Um primeiro momento teria ocorrido durante a invasão holandesa em Angola, quando a população escondeu a imagem. Outros relatos das movimentações da ima-

gem eram acompanhados de características milagrosas, que foram consolidando a imagem da Santa como “Padroeira de Luanda”. Conta-se também que a imagem da Santa era bastante encaminhada para a Casa da Misericórdia de Luanda para oração nos momentos de seca e pedidos de chuvas. Noutras partes do seu texto, Fernandes diz ter observado que os devotos angolanos mantinham uma relação de muita intimidade com a imagem de Nossa Senhora da Muxima, estabelecendo com ela uma relação de posse e de cumplicidade, uma relação familiar, através de conversas íntimas com a Santa, de orações, de pedidos de cuidados, de bençãos e a resolução dos problemas cotidianos, como se estivessem conversando com uma pessoa, contando suas lamentações, indignações, medos, pedidos de ajudas e bençãos, queixas contra os inimigos, coisas do cotidiano. São exemplos simbólicos da intimidade, confiança moral e espiritual dos devotos com a Santa (2014, p.12).

São ações de devoção comum a outros lugares, ainda que dentro de suas especificidades. É senso comum que os cultos marianos são parte da história do cristianismo em várias partes do mundo, assumindo especificidades com as questões de cada localidade. Segundo Maria Isabel Rocha Roque a *Virgem* se propagou no mundo cristão como intercessora (Santa Maria) e os cultos que lhes são prestados tiveram suas origens na Idade Média, do século XII, coincidindo com o aparecimento das Catedrais, sendo a Padroeira em várias localidades. Seus cultos se formalizam através das invocações e devoções populares, envolvendo quatro dogmas marianos definidos pela Igreja católica: a maternidade divina, a virgindade perpétua, a imaculada Conceição e a Assunção ao céu em corpo e alma (Roque, 2017, p. 102).

Foi justamente pensando na perspectiva transnacional dos cultos marianos e a especificidade de cada localidade, que nos debruçamos na história de Nossa Senhora da Conceição da Muxima. O objetivo é contribuir com os estudos marianos e dar visibilidade à especificidade de sua história em Angola, do que comparar com outros cultos marianos. Contudo, uma coisa se observa em comum. A devoção e o culto afloram nos momentos de sofrimento e angústia.

Angola possui uma população, a exemplo da população do Município de Quiçama, Província de Luanda [onde está localizada a Vila da Muxima], historicamente marcada pelos impactos da violência dos contatos e passagens do colonialismo, das lutas armadas pela libertação e da guerra colonial, seguida de um processo de independência que resultou em mais guerras, cujas histórias permanecem registradas na memória e na tradição oral. Pelas suas vivências, a história social e cultural de Angola está intrinsecamente ligada às práticas religiosas das populações em busca de proteção divina diante das calamidades das guerras e do colonialismo. Portanto, devendo ser compreendida numa perspectiva da história de longa duração. Conforme nos ensina Fernando Braudel (1990, p.15), é no tempo longo e no imenso domínio da circularidade cultural que o historiador observa a pesada herança do encontro de culturas tão diferentes, como a portuguesa e os povos angolanos, cujas relações foram historicamente marcadas por lutas e confrontos culturais por séculos, com repercussões até o tempo presente.

Ao longo de sua história, as populações pobres de Angola, enquanto as maiores devotas da Virgem Maria, conviveram num ambiente de preocupações com o desemprego, medos do retorno das guerras, da morte, das doenças e da fome, chegando ao tempo presente marcadas pelo medo constante diante da fragilidade da vida, das dificuldades da sobrevivência numa sociedade ainda marcada por profundas desigualdades sociais, resultado das guerras. Nessa sociedade, a busca da proteção do mundo espiritual e sagrado se apresenta como lugares de fortalecimento e segurança para os enfrentamentos cotidianos.

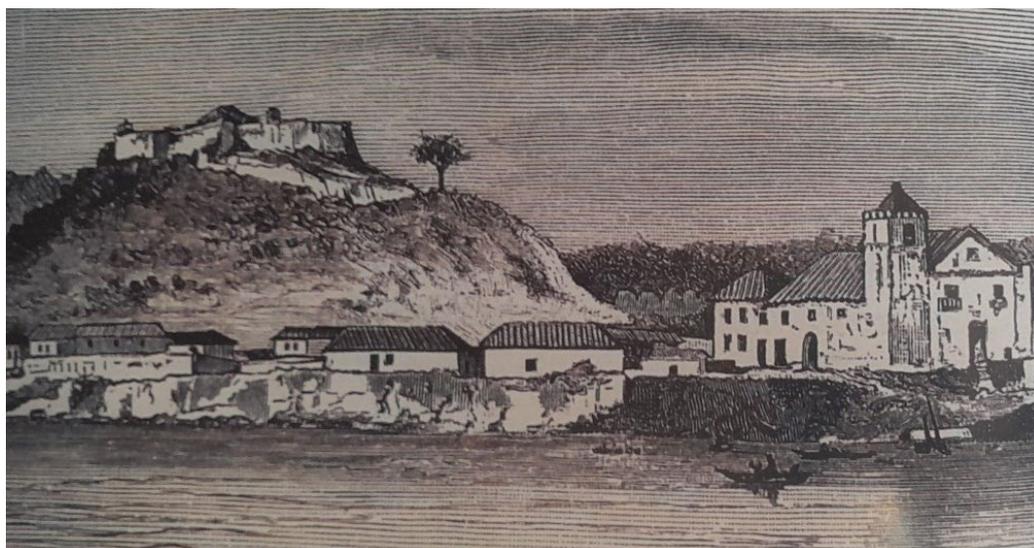
Dentro desta perspectiva, a devoção à Nossa Senhora da Conceição da Muxima não difere dos cultos marianos em outras partes do mundo lusófono, caracterizando-se como práticas de pro-

cura da Virgem Maria nos momentos de ameaças à vida, de epidemias, de guerra e de lutas pela sobrevivência. Estudos mostram que a devoção e propagação dos milagres da Virgem Maria, em diferentes localidades, surgem e se fortalecem num ambiente de sofrimento e de medos, especialmente naqueles espaços densamente ocupados pelos mais pobres e enfermos (Moura, 2022, p.3). As cartas mais adiante relatadas, escritas por mulheres devotas de Angola, são representativas destas situações como motivações para a busca da proteção de “Mãe Muxima”, como é carinhosamente conhecida a Nossa Senhora da Conceição da Muxima de Angola. Outros documentos também revelam como o culto católico à Nossa Senhora da Conceição foi se entrelaçando com os problemas e a cultura religiosa tradicional que circulava em torno da vila da Muxima.

Em seus estudos, Eliane Moura da Silva destaca que a “identidade religiosa estabelece parâmetros culturais que influenciam as práticas cotidianas, os lugares, as relações, as posições hierárquicas, as atitudes e as representações (2011, p. 225)”. Consideramos que, no âmbito da sociedade angolana, a recíproca é verdadeira. Os problemas locais foram construindo novas práticas religiosas locais, através da qual se misturavam ensinamentos da cultura religiosa católica com os das religiões tradicionais. Felipe Augusto B. Rangel (2011) localizou um processo inquisitorial de 1715, contra Vicente de Moraes, “um preto forro e soldado do Presidio da Fortaleza de Muxima, à margem do rio Cuanza em Angola”, que nos ajuda a compreender como a população local foi construindo essa relação íntima entre o catolicismo e a tradição religiosa local. De acordo com processo inquisitorial de Vicente de Moraes, o réu tinha sido acusado de sacrilégio e feitiçaria, considerados dois grandes crimes da alçada do Santo Ofício. Entre outras acusações, “há relatos de furto de uma hóstia consagrada da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, integrante do entorno da referida fortaleza (Rangel, 2011, p. 1-2)”.

Além disso, o referido Processo também confirma relatos, que serão apresentados mais adiante, acerca da construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição na mesma época da construção da Fortaleza da Muxima. Na imagem abaixo, também podemos observar como as duas construções estavam em destaque na Vila da Muxima:

Figura 1 – Vila da Muxima



Fonte: Descrição da Viagem..., H.A. Dias de Carvalho, Vol. I, 1890. Lisboa, Fenacult, 2014.

Registros eclesiais da construção da Igreja, do culto e devoção à Mamã Muxima

Além do potencial da *Tradição Oral* na história da devoção à Nossa Senhora da Muxima, como vimos destacando, há o registro das memórias e vivências dos padres que passaram pela Igreja da Santa que se tornou a Padroeira de Luanda, que nos ajudam a compreender o crescimento do culto a Mamã Muxima, como é carinhosamente chamada a Nossa Senhora da Conceição da Muxima. Em Angola, algumas personalidades religiosas se tornaram referências para a história da Igreja em Angola. Um deles é D. Manuel Nunes Gabriel, Bispo de Malanje e Arcebispo de Luanda. Diz Tony Neves que sua obra contém relatos dos contatos e dos batismos, da recepção da fé cristã entre os reis locais, desde a primeira visita de Diogo Cão, passando pelo cotidiano da implantação da fé católica, através da formação e batismos dos reis do Congo. Segundo ele, foi neste momento que começou a cristianização de Angola (Neves, 2007, p. 511). Padre António Brásio, em sua “Monumenta Missionária Africana (1471-1531)”, também relata que logo nos primeiros contatos, “mil pretos carregaram os materiais para a construção da nova igreja de Santa Maria Nossa Senhora (Brásio, 1952, p.130)”. Em 1596, o Papa criou a Diocese do Congo, dando-lhe por territórios os reinos de Angola e Congo, com sede em S. Salvador do Zaire (hoje, Mbanza Congo). O início da evangelização no Congo foi feita pelo clero secular, jesuítas e capuchinhos, com batismos e queimas de ídolos locais. Com a tomada de Luanda por Paulo Dias Novais (1576), começou a evangelização de Angola pelo clero secular jesuítas, franciscanos, capuchinhos e carmelitas. Este foi um momento de implantação da Igreja católica em Angola, com a construção de várias igrejas e casas residenciais, visando a expansão da Igreja católica em Angola (Brásio, 1952, p.159).

Contudo, a invasão holandesa (1641-1648) e as guerras do sertão, sobretudo contra a Rainha Jinga, desorganizaram o processo de implantação da Igreja, sendo retomada apenas com a Restauração católica. Estes eventos impactaram a implantação da Igreja em Angola, abrindo lacunas na sua atuação junto às populações locais. Algumas comunidades cristãs desapareceram, havendo uma lacuna e fragmentação da presença da Igreja católica em Angola entre os séculos XVII e até o século XIX. Com a extinção da companhia de Jesus em Portugal e as dificuldades de envio de missionários católicos estrangeiros a Angola, o crescimento da Igreja foi interrompido (Neves, 2007, p.512)

Outra referência muito citada em Angola é o Reverendo Lawrence Henderson, autor da obra “*A Igreja em Angola*”, dedicada à implantação das Igrejas (católicas e protestantes). Segundo ele, Angola foi um solo fértil para a Igreja católica desde o século XV, sendo considerada “solo geográfico, que favoreceu a implantação da Igreja e a penetração dos missionários no interior”, uma vez que os rios Cuanza e Zaire davam acesso às zonas de Kimbundu e Congo, que eram relativamente populosas” (Henderson, 1990, p.14). De acordo com ele, além do solo fértil, referindo-se à forma como as populações aceitavam o batismo e buscavam a fé católica, havia a íntima relação da Santa Sé com o Governo português que favorecia a implantação da igreja católica em Angola:

A responsabilidade pela implantação da Igreja Católica em Angola foi assumida por duas entidades: o Padroado e a Propaganda Fide. O Padroado inspirava-se no tratado entre a Igreja Católica e o Governo português, o qual atribuiu direitos e responsabilidades especiais ao Estado pela expansão da fé nos seus territórios por ele controlados. Propaganda Fide ou Congregação para Propaganda da Fé, sediada em Roma, estava encarregada, aquando da sua fundação em 1622, da expansão da fé em todas as áreas de missão, e no século XIX Angola foi considerada uma área de missão (Henderson, 1990, p.39).

É no âmbito destes acordos entre a Santa Sé, a Igreja católica e o Governo português que a Igreja se implantou em Angola, paralelamente à construção de fortes e portos, para suporte da ocupação e penetração do colonialismo em Angola. É, portanto, neste ambiente de relação do Estado com a Igreja que o Santuário de Nossa Senhora da Conceição da Muxima foi construído pelos portugueses nos finais do século XVI, pouco tempo depois de ser inaugurado o posto político-militar e o Presídio da Muxima (Arcaute, 2010).

Contudo, foi no século XIX, que a Igreja ganhou uma nova imagem perante a sociedade local. Em 1853, especificamente, fora construída uma torre encostada ao Santuário. Outros investimentos na infraestrutura da Igreja ocorreu ao longo do século XX. De modo que, em 1986, a Igreja da Muxima já apresentava outra estrutura bem diferente daquela registrada no século XIX, acrescida com um espaço para a vivenda dos sacerdotes, Segundo Arcaute (2010, p.13) a Igreja da Muxima pertence aos marianos de Angola, desde final do século XV. Entretanto, conforme já relatamos, foi abandonada nos séculos seguintes até o XIX, quando se tem registros do retorno das atividades. Lawrence Henderson adverte que, pesar de firmados os acordos entre o Estado e a Igreja, a consolidação do catolicismo em Angola se deu em meio a muitos conflitos e muitas lacunas, com abandono de algumas igrejas e atividades. Esta teria sido uma das razões da implantação das missões protestantes (1990, p.40).

Para entendemos melhor as atividades do culto e devoção entre 1959 aos dias atuais, é recomendada a leitura da obra “1000 Cartas a Mamã Muxima”, de Pe. Honório Ruiz de Arcaute, considerado uma referência eclesial importante para entendermos a relação dos fiéis com a Santa, através de mais de mil *Cartas dos Devotos* que ele coletou e leu. Ele conta que seu objetivo foi compreender a devoção e formas de culto da comunidade local. Ele conta que, logo em sua chegada na Igreja, observou o grande volume de cartas deixadas pelos fiéis ao pé da Santa, que recolheu, leu, selecionou e escreveu um livro, intitulado “1000 Cartas a Mamã Muxima”, publicado pela Edições Paulinas, em 2010. Pelas Cartas ele percebeu que a Igreja, desde o começo, atraiu “milhares de peregrinos de todas as tribos de Angola, especialmente de Malanje, Ndalatando, Kissama e Luanda. Desde então tem sido organizada uma grandiosa peregrinação nacional, que reúne uma grande número de fiéis” (Arcaute, 2010, p. 11).

Ele conta que era tudo muito pobre e simples: “havia relíquias do antigo Forte com um elementar alojamento militar, duas casas para religiosas e religiosos mexicanos, guardiões e animadores do Santuário e o grande rio Kwanza ameaçando, século após século, arrancar o cimento do Santuário (Arcaute, 2010, p. 11)”. A população local compreendia que Nossa Senhora da Conceição da Muxima [ou simplesmente Mamã Muxima passou a ser carinhosamente chamada pela população] representa a Virgem Maria que acolhe a população mais necessitada. Segundo Honório Ruiz de Arcaute, apoiado nas Cartas, a população era pobre e necessitava de ajuda por todo lado, havendo pedidos por comida, hospitais, emprego, proteção física dos inimigos, visto que a polícia não lhes dava proteção. Havia também cartas evidenciando necessidades de proteção espiritual contra os inimigos, considerados possuidores de “espíritos” do seu lado. As Cartas revelam muitas outras necessidades. Diz o Padre que são tantos os problemas que à esta população só restava evocar Nossa Senhora da Conceição da Muxima (Arcaute, p.11-12).

Pelas queixas dos próprios padres podemos inferir acerca da pouca importância que a igreja católica local dava à comunidade e, portanto, à igreja local. Acordando para sua importância devido à pressão e crescimento das manifestações populares. Conforme vimos destacando, os padres que iam passando pela Igreja foram relatando a pouca atenção dada à igreja de Nossa

Senhora da Muxima. Num dado momento do seu relato, Pe. Arcaute diz que o descaso era tal que o Santuário foi se construindo com muita simplicidade. A Santa era “uma imagem que só tinha a cabeça e um manto cobrindo a ausência de um corpo”. Ele conta ainda que D. João Evangelista Lima Vidal, “Bispo de Angola e do Congo”, quando visitou a Igreja da Muxima, em 1910, também teria percebido esse descaso, relatando que a Igreja e a imagem da Santa tinham “um aspecto nu e frio, com um certo ar de grandiosidade severo e solitário. Ao fundo da nave, no “seu nicho do altar maior, destaca-se como uma nota radiante e piedosa o manto azul e o rosto cor de cera da Virgem Maria (Arcaute, 2010, p. 16)”. Acerca deste momento histórico, é importante destacar que, em 1910, a Primeira República portuguesa tinha um caráter laico, de separação da Igreja com o Estado. Essa aliança e a expansão da fé mariana se fortalecem somente no regime salazarista, depois de 1933.

Observe-se que, depois de 1941, ano em que o regime salazarista firma o *Estatuto Missionário* com a Igreja católica para assumir a instrução e evangelização das populações de Angola, ditas naquele momento como “indígenas”, a Igreja passa a dar a devida importância à Igreja de Muxima, segundo seu relato. Até a década de 1940, havia inclusive um discurso discriminatório por parte dos padres acerca da forma como as populações locais reverenciavam e adoravam a Nossa Senhora da Conceição da Muxima. Padre Arcaute registra em sua obra que os padres sempre se surpreendiam com o ambiente e o comportamento religioso das populações. Ele cita, por exemplo, o historiador e monsenhor Alves da Cunha, Vigário de Luanda e outros missionários que, entre 1901 e 1947, ficaram impressionados nas suas primeiras visitas com “um pandemônio de linguagens em voz alta, gritando e gesticulando diante da imagem, misturando as coisas mais estranhas [...] para manifestar os seus sentimentos íntimos. [...] sentiam necessidade de exteriorizá-los com dilúvio de palavras, em ruído cadenciado, de uma exaltação espiritual (Arcaute, 2010, p.18)”.

Noutro trecho da sua obra, Pe. Honório Arcaute conta que, até setembro de 1981, ele também ficou surpreendido com o que viu quando chegou pela “primeira vez à Muxima, envolto em suor e poeira, acompanhando um grupo de peregrinos. Surpreendeu-me a luminosidade do santuário no meio da escuridão ocre e silenciosa da paisagem” (2010, p. 17). Noutros trechos ele conta que, as práticas de oração dos devotos também chamaram sua atenção pela diversidade e concentração, observando total devoção à Imagem por uma população muito simples, formada por necessitados, angustiados e suplicantes, num templo muito simples:

Em particular ou em grupo, de pé ou de joelhos, em silêncio ou levantando a voz e os braços, todos rezavam. Não era como nos nossos santuários europeus, em que os visitantes muitas vezes levantavam os olhos para as estátuas, as pinturas, a arte de retábulo, as particularidades arquitetônicas, para o que aponta o manual ou a delegada de turismo (Arcaute, 2010, p.17).

A devoção era grandiosa, mas a Igreja e a Imagem, segundo ele, “*decepcionava*”. Ao se aproximar da Imagem, ele viu uma cabeça coberta pelo manto e uma pobre coroa, “parecia-me um tanto ou quanto majestosa, mas semelhante a uma rainha do que a uma mãe”. As Religiosas explicaram que não tratava de uma imagem normal, que não era nem sequer um busto até a cintura, mas que apenas tinha a cabeça e mãos talhadas, sustentadas por um conjunto de paus e pequenos barrotes carcomidos pelo caruncho (Arcaute, 2010, p.18). Apesar desta explicação, ele conta que ficou decepcionado, que pensava estar perante um engano, pois, considerava que não era uma imagem digna da Santa. Resolveu agir:

Não tardei muito a comunicá-lo às autoridades eclesiásticas que naturalmente tinham problemas maiores para atender. Comprei um tronco de madeira nobre, procurei pelo bairro alguém que pudesse talhar uma imagem a que pudesse unir-se cabeça e mãos e que sem perder a sua identidade se enriquecesse com solidez, autenticidade e beleza. [...] O povo ao princípio, surpreendido, sentiu uma certa decepção. Mas, não muito depois, facilmente retomou o apreço pela sua imagem de sempre com uma beleza nova que recorda aquela mulher de Nazaré, a simples “escrava do Senhor”, a amável Mãe Universal (Arcaute, 2010, p. 18).

Como eclesiástico e conhecendo o poder das representações e do simbolismo no campo do sagrado, o Pe. Honório Arcaute não tardou em agir para melhorar a imagem da Igreja e da Santa de Muxima em conformidade com o volume de manifestações, contribuindo para o potencial simbólico que o *Santuário de Mamã Muxima* projeta no tempo presente numa sociedade de muitas disputas religiosas.

Pe. Raul Ruiz de Asúa Altuna² lembra a importância que o *simbolismo* assume no mundo sagrado. Isso porque “o homem sempre necessitou de meios sensíveis para entrar em comunhão com o mundo invisível”. Citando Ernest Cassirer, Padre Raul Altuna considera que o homem “vive num universo simbólico. A linguagem, mito, arte e religião são parte deste universo [...] a realidade física parece retroceder na medida em que avança a atividade simbólica do homem” (Altuna, 2006, p.91-92). Noutro trecho ele observa que, no caso da cultura banto, “é impossível uma religiosidade exclusivamente interior. O homem só consegue manifestar plenamente a sua vivência religiosa através de sinais perceptíveis (Altuna, 2006, p. 92).

Em seu texto, podemos perceber as “texturas simbólicas, o imaginário e as estruturas sociais dos povos bantos”, como bem disse Alfredo Teixeira, do Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa. Para ele, Altuna oferece uma contribuição aos estudos culturais dos povos bantos que vai além de um texto de “etnografia missionária”. Por outro lado, continua ele, “talvez se pudesse mostrar com mais clareza que a cultura dos povos bantos não se resume a uma espécie de sintase imóvel, sob o império do mito da ancestralidade” (Altuna, 2006, p.9).

Ele lembra que, “enquanto sistemas simbólicos, as culturas religiosas vivem de uma dupla força: a memória que transportam e a capacidade de responder aos novos enigmas”. Neste sentido:

O sincretismo cultural não é, certamente, um fenômeno novo, diz ele. A história das civilizações apresenta-nos inúmeros testemunhos de cruzamentos entre deuses, de descobertas de figuras míticas na epiderme de outras, de práticas antigas com nomes novos. Neste sentido, a antropologia de Raul Ruiz de Asúa Altuna, oferece uma “ampla informação das texturas simbólicas, o imaginário e as estruturas sociais que caracterizam os povos bantos, cuja cultura é inserida no contexto das trajetórias de longo curso do continente africano. O texto pretende ir muito mais longe do que aquela “etnografia missionária”, que procurava no exotismo africano os sinais da bondade da criação (Teixeira, *Apud* Altuna, 2006, p.8-9)

Importante lembra aqui que, além desta importância do simbolismo na cultura banto, Padre Ruiz de Asúa Altuna também deu grandes contribuições para pensarmos o lugar da tradição oral. Diz que, em África,

quando morre um velho, desaparece uma biblioteca. Durante muito tempo se pensou que os povos sem escrita, são povos sem cultura [...]. O meu professor T. Bokar dizia: uma coisa é a escrita e outra o saber. A escrita é a fotografia do saber, mas, não é o sa-

² Missionário pertencente às Missões Diocesanas Vascongadas (Espanha). Cf. Muaca, Eduardo André. Arcebispo de Luanda, Roma, 19 de maio de 1985. In: ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa. *Cultura Tradicional Banta*. 2ª. ed. Luanda: Paulinas, 2006.

ber. O saber é uma luz para o homem. E a herança de tudo aquilo que os antepassados conheceram e transmitiram em germe, à maneira do baobá que em potência se encontra já na semente (Altuna, 2006, p.36).

O poder da tradição oral na história da devoção a Mamã Muxima se observa não apenas entre os devotos da Santa em Muxima. Em Luanda, quando se perguntar sobre o Santuário de *Mamã Muxima* às pessoas, de várias denominações religiosas, sejam mulheres, enfermeiras, freiras, motoristas de aplicativos e de taxi, donas de casa, professores e alunos, todos conhecem a existência do Santuário. Alguns afirmam que nem são devotos, mas, que gostariam de conhecer o Santuário, reconhecendo que a distância entre Luanda e a cidade de Muxima é uma das razões de muitos não irem conhecer.

Relatos da devoção a Nossa Senhora da Muxima

Em finais de setembro de 1961, numa silenciada madrugada, a canoa de Fuchi, flutuava em direção a margem direita do Kwanza, ia ao reencontro do seu destino sagrado: Mje amã Muxima. Um percurso aprazível, pontuado pelo canto dos bicos de lacre, e o deslizar dos peixes, um autêntico ecossistema vital na geografia emocional da região. Quando tudo parecia sadio, Fuchi, começa a encontrar obstáculos, ao longo do trajecto; primeiro foi uma correnteza forte, depois um tronco caído flutuante, que dificultou a manobra da canoa. Segundo relatos, o leito do rio Kwanza, escondia pedras submersas que criavam remoinhos e pequenas quedas d'água (Amaral, 2000).

Quando Fuchi tentava desviar, a lateral da canoa raspou numa pedra submersa e provocou um desequilíbrio, brusco, houve um pânico, mas a devota de pedra e cal, apelava a mamã Muxima, “*eyó N'zambi tubané dibesa*” (Muxima, dá-nos a tua benção). Além das condições climatéricas, os testemunhos registrados reportaram que a seguir, a embarcação das devotas, deparou-se com um jacaré de grande porte, ao menos de quatro metros. Então Fuchi decide evocar a *Mamã Muxima: Eu sou tua filha, vim buscar a cura do meu filho, vim com o coração limpo, viemos ter contigo, (Mamã Muxima Tutanbubululé) livra-me destes perigos, tú és a Dona, da solução dos problemas!* Nisto o jacaré afastou-se, mas causou pânico e desestabilizou o grupo. Fuchi contornou o leme, e as suas companheiras, tiveram hipotermia. Quando parecia já estar tudo restabelecido, uma grande tempestade, escureceu o rio e a visibilidade foi reduzida quase a zero, em meio ao caos a canoa, foi atingida por uma onda. A embarcação virou e arremessou três ocupantes nas águas turvas, três dias depois, foi resgatada apenas uma delas com vida única sobrevivente, paraplégica foi socorrida pelos povos locais do Chio (*Onji*) *Carimba, Cassala e Muxita na Kisama*.

O relato descrito em carta de 1961, sobre um pedido a Mamã Muxima foi confiado ao líder da comunidade um fiel ancião da região que ao investigar o caso raro, deu conta que a única sobrevivente foi também a única fiel que tinha ido antes a *Kaxito* pedir a sua autorização para ir a *Muxima*, que por ter respeitado este preceito então teve o milagre da Mamã Muxima (coração), salvou-se. Fuchi não terá transitado pela Mãe da Muxima e por isso foi engolida pelo Kwanza. “*Antes de vir a Muxima tem que se passar primeiro pela sua mãe Santa Ana ou Mamã Santana*”, afirma no relato. (Ferreira, 2018)

É nessa cosmovisão do mundo entre os Povos *Ambundu* e o culto de veneração aos antepassados (*Kavimbi*), em que a natureza participa do sagrado, acolhe o silêncio das promessas e a esperança dos que percorrem as suas preces, cujos objetos simbólicos, a vela acesa o pano branco nos ombros, o rosário, sinal de promessa e gratidão, ganham vida no culto mariano à Nossa Senhora da Muxima. Muitos não falam, mas os olhos denunciam um mundo de simbologia,

códigos e significados. *Mamã Muxima* é a padroeira venerada entre o passado e o presente, tem atravessado séculos entre o catolicismo e a espiritualidade angolana, circulando no íntimo de fé transcontinental. O espaço atlântico é o reservatório desta peregrinação que, embora integrada no calendário litúrgico católico, não pode ser compreendida apenas como um acto de culto institucional e local, por ser um evento transnacional. Trata-se de uma prática enraizada em memórias africana e da diáspora que circula pelo Atlântico. Neste sentido, a devoção à Mamã Muxima é multidimensional, estando presentes em relatos, músicas e pinturas. Na imagem abaixo, mulheres angolanas devotas atravessando o rio Cuanza, em torno do relato de 1961:

Figura 2 – Fresco de um anónimo da época após o relato de 1961, decalque de pintura africana, de Press Reader.



Fonte: Arquivo particular de Constança Ceita.

Do exposto até aqui, é possível perceber que a devoção a Nossa Senhora da Conceição da Muxima representa um fenómeno religioso de grandes dimensões em Angola, marcado pela mobilização das populações de Angola na construção da fé e de amor ao santuário. Observe-se que, mesmo aqueles que não são devotos, expressão histórias cheia de mitos em torno da Santa. Neste sentido, podemos dizer que a história da fé e da devoção mariana em torno de Nossa Senhora da Muxima em Angola, é uma história atravessada por relatos e mitos, marcada pela simbologia de sua Igreja no algo da cidade da Muxima. Em sua maioria são relatos de mulheres, que acreditam estar conversando de mãe para mãe.

Através de entrevistas com mulheres devotas, foi-nos dito que Mamã Muxima é uma Santa protetora das mulheres, principalmente das mães, que não deixava os homens “maus” chegar na Vila. Contam que a Santa não deixava homens que agrediam mulheres atravessar o rio para chegar no local do Santuário em proteção às mulheres locais. Estas versões de fé na Santa, são narradas por um grupo de mulheres de várias idades e classes sociais, que estavam internadas no Hospital Neves Bendinha (Bairro popular, Luanda). Na mesma instituição, Irmã Avelina (Freira da ordem franciscana), conta que estas histórias eram contos locais que não havia provas materiais apoiadas pela Igreja, que reconhecia a Santa, a devoção das populações locais e apoiava, organizando suas festividades e visitas. Ela diz que as populações locais foram criando histórias e passando pela tradição oral, mas sem documentos oficiais da Igreja.

Uma das entrevistadas, que colabora com a versão popular da fé na Santa, é Silvana Nassusu. Ela é nascida no Bié e conta que existem muitas lendas dos milagres de Mamã Muxima. E que o que ela sabe é que a Igreja foi construída na Ilha pelos colonizadores, que usaram escravos para escavação e eles teriam encontrado um objeto e viram que era “uma estátua da Virgem a chorar mesmo dentro d’água e na sua mão havia uma cruz”. Segundo Silvana, os milagres da Mamã Muxima foram sendo reconhecidos naquele tempo porque ela fazia os homens maus desaparecerem, especialmente aqueles que iam à Ilha buscar mulheres para escravizar³.

Ela conta que as pessoas diziam que a Santa protegia a travessia do Rio Kwanza, não permitindo a entrada de homens que iam escravizar mães e bebês da Ilha, que eles não conseguiam atravessar o Rio, alguns morriam na travessia. Segundo ela, Mamã Muxima começou seus milagres protegendo as mulheres da escravidão, não permitindo que o barco deles avançasse para a ilha, desaparecendo. Conta também que os sobas [que ajudavam na caça] foram expulsos da comunidade. Segundo ela, já tentaram levar a estátua da Ilha, mas, ela caiu naquele local que até hoje é o Santuário, sendo considerado o local dos milagres da Virgem. Depois disso, o Bispo consagrou o local e a imagem, com a face mexicana, passando a ser chamada *Mamã Muxima* até hoje.

Já Irmã Avelina Nacassawa diz que tudo não passa de mitos, sendo importante fazer uma visita ao Santuário para se ter uma conversa com o Padre responsável pela Igreja da Mamã Muxima. Ela também recomendou uma visita à Biblioteca do Bispado em Luanda. Contudo, como já sinalizamos as lacunas documentais são representativas, ao passo que a história da Virgem vem sendo mantida pela força da tradição oral, inclusive de padres. É o caso do Padre Vicente Pinto Melo, abaixo, um dos responsáveis da Igreja na atualidade, que também reafirma a importância de compreender a devoção e propagação da fé na Santa pela oralidade:

Figura 3 – Padre Vicente Pinto Melo - Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Muxima.



Fonte: <https://agencia.ecclesia.pt/portugal/angola-todos-os-que-tem-problemas-que-nao-conseguem-resolver-vem-chorar-na-mama-reitor-do-santuario-de-nossa-senhora-da-muxima/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

³ Relatos de Silvana Nassusu. Local: Hospital Neves Bendinha, Luanda, 03-14/março/2025.

O Padre Vicente Pinto Melo⁴ é reitor do santuário de Mamã Muxima. Ele conta que: “Todos os que têm problemas que não conseguem resolver vêm chorar na ‘mamã’. Para ele, nas horas de muito desânimo dos católicos, todos recorrem à Santa Desta forma, podemos dizer que como em várias localidades o culto mariano se caracteriza como uma “tábua de auxílio e salvação”, especialmente nos momentos de avanço do laicismo, das guerras e das doenças, representando uma força de restauração da fé e dos fiéis.

Considerações Finais

Do exposto até aqui, podemos concluir que a devoção à Nossa Senhora da Conceição da Muxima não foi exatamente um esforço da igreja católica em Angola, que legitimou o que a população construiu e mantém pela oralidade. Fernandes (p. 12) conta que a igreja não via com bons olhos essas intimidades com a Santa, que deveria ser mantida em pedestal. Em Angola, contudo, a população tem uma cultura religiosa de proximidades espirituais, marcada com fortes tradições religiosas que foram se mesclando com a devoção à Virgem Maria, dando um caráter especial à relação dos devotos com a Santa, caracterizando uma associação sincrética.

Podemos concluir que a importância do culto mariano em torno do Santuário de Mamã Muxima veio se construindo pela força da fé da população necessitada da proteção da Santa. E pela tradição oral foi se expandido para outras províncias. Desta forma, deve-se muito à ação e tradição oral dos devotos da Santa, que não se limitam apenas à população de Muxima, a conservação e propagação dos milagres da Santa, depois reforçados e legitimados pela Igreja e o Estado, organizando e financiando as peregrinações e as devoções no tempo presente.

Foram as práticas de devoção fervorosa e as várias formas de expressão da fé popular que foram chamando a atenção de representantes da Igreja católica portuguesa e angolana. O volume das peregrinações ano a ano até o santuário, a íntima relação cotidiana da população com a Santa, materializada pelo crescente volume das cartas, podem ser considerados os principais alicerces de consolidação do culto mariano em Angola, em torno de Nossa Senhora da Conceição da Muxima. É sobre esta base que as autoridades eclesiais e políticas têm trabalhado para consolidar e propagar um evento que ganhou grandes dimensões no campo da religião católica angolana, com repercussões em outras partes do mundo.

Do exposto, fica evidente a necessidade de continuidade destes estudos marianos no espaço angolano, considerando-se que ainda há muitas lacunas na história e memória da Igreja católica desde a ocupação até o tempo presente. É senso comum que o colonialismo português em África se deu de braços dados com a Igreja e sua política de propagação da fé católica. Angola, como uma das mais importantes colônias africanas do antigo império português, contudo, continua apresentando uma história fragmentada e dependente dos escritos eclesiais (católicos e protestantes), da administração colonial e de viajantes que registraram os séculos de contatos e ocupação.

Contudo, ainda há muitas histórias perdidas, fragmentadas, particularmente no campo das narrativas e da tradição oral. Desde o século XV, a Igreja foi firmando suas raízes, através do

⁴ Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Muxima. Cf. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/angola-todos-os-que-tem-problemas-que-nao-conseguem-resolver-vem-chorar-na-mama-reitor-do-santuario-de-nossa-senhora-da-muxima/>. Acesso em 7 jun. 2025.

contato direto de missionários com as populações locais que, através das práticas cotidianas de evangelização, de batismos e da educação, foram assimilando a fé católica. E, conforme vimos enfocando e citando com bases nas Cartas dos devotos, a história da Igreja em Angola está atravessada de narrativas de fé em Nossa Senhora da Conceição da Muxima. São narrativas que dão materialidade de sentido da fé dos devotos que, “nos momentos de desgraças, doenças, epidemias, mortes, de medos”, confessam em suas cartas, é nos braços de Nossa Senhora da Muxima, que encontram a esperança de dias melhores (Arcaute, 2010).

Por fim, e considerando nossas histórias cruzadas, podemos dizer que a fé em Nossa Senhora da Conceição da Muxima representa a circularidade da cultural religiosa católica entre Portugal, Brasil e Angola, com muitas questões ainda a serem trabalhadas. Neste trabalho, nossa missão foi apresentar “Mamã Muxima” aos estudiosos dos cultos marianos no Brasil e no mundo lusófono, na expectativa de que aprofundem esta história, preferencialmente entrelaçando os escritos eclesiásticos com a tradição oral local,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Banta**. 2ª. ed. Luanda: Paulinas, 2006.
- AMARAL, Ilidio do. **O Rio Cuanza, da Barra a Cambambe**: Reconstituição de Aspectos geográficos e Acontecimentos Históricos dos Séculos XVI e XVII, Ed., Lisboa, IICT (2000).
- ARCAUTE, Pe. Honório Ruiz de. **1000 Cartas a Mamã Muxima**. Luanda: Edições Paulinas, 2010.
- BRÁSIO, Padre António. **Monumenta Missionária Africana (1471-1531)**. Vol.1. Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1952.
- BRAUDEL, Fernando. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- COSTA, Willian Felipe Martins. “A Devoção de Nossa Senhora da Conceição de Laguna-SC: vestígios e apontamentos sobre a ocupação do espaço da matriz”. **XIX Encontro Estadual de História (Santa Catarina)**, 2022.
- CURTO, José C. “O Arquivo Paroquial de Muxima: inventário e considerações sobre uma fonte arquivística quase perdida”. **Africana Studia**, n. 41, 2024. p.165-180.
- DIAS, Geraldo J.A. Coelho. “A devoção do povo português a Nossa Senhora dos Tempos Modernos”. **Revista da Faculdade de Letras: História**, série II, Vol. 04 – Universidade do Porto, 1987.
- FERNANDES, Odílio. “Os Azares de Nossa Senhora da Muxima: um percurso de trocas, movimentações milagrosas e intolerância”. **RAS - Revista Angolana de Sociologia**. N. 14, 2014.
- FERREIRA, Aurora da Fonseca, **Histoire de L'Angola, Tomell: La Kisama...**(2018), Ed. Universitaires européennes.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.
- HENDERSON, Lawrence. **A Igreja em Angola**. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1990.
- MELO, Padre Vicente Pinto. “Todos os que têm problemas que não conseguem resolver vêm chorar na ‘mamã’” – Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Muxima”. **Agência ECCLESIA**. Lisboa, 28 de agosto de 2021. Disponível em: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/angola-todos-os-que-tem-problemas-que-nao-conseguem-resolver-vem-chorar-na-mama-reitor-do-santuario-de-nossa-senhora-da-muxima/>. Acesso em 19 jun. 2025.
- MOURA, Carlos André Silva de Moura. **Histórias Cruzadas**: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942). Lisboa: Edições 70, 2018.
- MOURA, Carlos André Silva de Moura. “Aparições e devoções marianas: a formação de uma cultura visionária em Portugal e seus usos no projeto de Restauração Católica (1917 – 1950)”. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 14, n. 35, p. 1 – 28, 2022.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- NEVES, Tony. “As Igrejas e o nacionalismo em Angola”. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**. Ano. VI, 2007, n. 13/14, p.511-526.
- PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RANGEL, Felipe Augusto Barreto. “Conversão e escravidão: reflexões sobre o cristianismo na Fortaleza de Muxima em Angola no século XVIII”. **Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais** – Salvador, agosto 2011.
- ROQUE, Maria Isabel Rocha. “O Culto Mariano”. Devoções e sensibilidades Marianas: da memória de Cister ao Portugal de hoje. **XIII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões**. São Cristóvão de Lafões. Évora, PT, 5 e 6 de maio de 2017.
- SILVA, Eliane Moura da. História das Religiões: algumas questões teóricas e metodológicas. *In.*: Moura, Carlos André Silva de. *et. al* (org.). **Religião, cultura e política no Brasil**. Campinas: Unicamp/IFCH, 2011.
- SIMPSON, Duncan. **A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista**. Lisboa; Edições 70, 2014.
- VANSINA, J. “A Tradição Oral e sua Metodologia”. *In*: História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. revisada. Brasília: UNESCO, 2010.